

4. O cenário contemporâneo e a clínica psicanalítica: uma possível articulação à luz do conceito winnicottiano de criatividade

O presente capítulo tem por objetivo traçar um breve panorama do cenário atual, tanto no que diz respeito à clínica psicanalítica contemporânea, quanto ao próprio cenário sócio-cultural vigente. Isto porque parece-nos haver uma estreita relação entre o que nos dizem os pensadores das ciências sociais sobre a contemporaneidade e o que nos falam teóricos da psicanálise atual sobre as configurações psíquicas e sintomas mais encontrados na clínica atualmente. O conceito winnicottiano de criatividade nos ajudará a compreender a relação de interdependência que estas duas realidades, a social e a psíquica, mantêm entre si.

Uma das hipóteses mais correntes entre os cientistas sociais é a de que a sociedade contemporânea passa por um momento de fragilização dos referenciais que até então davam suporte aos indivíduos, em paralelo a um processo de hipersolicitação deles (Lipovetsky,1983; Ehrenberg,1998; Bauman,1998). Este estado de coisas estaria levando, sobretudo, a sentimentos de desamparo, cansaço, vazio e insuficiência, em grande parte dos indivíduos (Ehrenberg,1998; Lipovetsky,1983). No que tange à clínica psicanalítica, muitos autores também apontam para o atual crescimento de quadros que envolvem a perda da criatividade e a utilização de defesas primitivas (Roudinesco,1999; Garcia, 2005; Maciel,2003). Nossa suposição é a de que há uma relação entre estas duas constatações, uma vez que acreditamos que o sujeito da psicanálise constitui-se na relação com o contexto em que está inserido. Dito de outra forma, estamos supondo haver uma relação entre as mudanças ocorridas no plano social e o aumento de determinadas configurações psíquicas nos dias de hoje. A aposta aqui é que as transformações pelas quais passam a sociedade não são sem conseqüências para o sujeito, ao contrário, ao mesmo tempo em que ele as influencia, também é por elas influenciado, num interjogo permanente.

4.1. A indiferença e o vazio contemporâneo

Para que possamos, minimamente, mapear o cenário atual, faz-se necessário uma breve passagem por autores das ciências sociais. O sociólogo

Ehrenberg (1998) e o filósofo Lipovetsky (1983) nos auxiliarão neste início. Apesar de partirem de pontos diferentes em suas análises, pareceu-nos haver um consenso no que entendem por contemporaneidade. A grosso modo, para eles, esta se caracteriza, fundamentalmente, por um hiper-investimento na esfera individual, em paralelo a um crescente desinvestimento no público. Os autores ressaltam as implicações disto para os indivíduos; Ehrenberg (1998) fala do sentimento de insuficiência e da “fadiga de ser si mesmo”, Lipovetsky (1983) parece ir na mesma direção, apontando o vazio e a apatia como característicos da experiência contemporânea, além de constatar a existência de indivíduos cada vez mais vulneráveis as injunções da vida.

Em *La Fatigue d'être-so. Depression et société*, Ehrenberg (1998) chama a atenção para as mudanças normativas pelas quais vêm passando a sociedade Ocidental, principalmente a partir da década de 60, que dizem respeito ao ideal de liberdade. Segundo ele, o modelo disciplinar de gestão das condutas, característico da modernidade, cedeu às normas que incitam à iniciativa individual. Cada vez mais tem-se uma valorização do indivíduo por si mesmo e um distanciamento das referências sociais clássicas, até então balizadoras das condutas e identidades. Ou seja, passou-se de um paradigma de obediência e disciplina para o de ideal de liberdade individual. Vale ressaltar que se trata de uma mudança de paradigma, e não de uma ausência de normas sociais, pois, embora a liberdade seja a principal diretriz do momento, continua sendo uma forma de injunção social. Este raciocínio é evidenciado pelo autor quando fala, por exemplo, que não é de uma ausência de pontos de referência que se trata, mas, ao contrário, tratam-se de transformações, em que estes se tornam mais plurais e, agora, submetidos ao julgamento e escolha de cada indivíduo, ao invés de serem unívocos e universais (Ehrenberg,1998:5).

Ehrenberg partiu de um estudo sobre a depressão para inferir sobre tais transformações, e sobre as implicações destas para os indivíduos. A escolha da depressão como base de sua análise deveu-se à constatação de um significativo aumento deste quadro nos últimos anos, o que o faz considerá-la, deste modo, como representativa do mal-estar contemporâneo. Então, diante de tal constatação, e levando em conta que se trata de um fenômeno historicamente datado, Ehrenberg se pergunta por que a depressão se transformou no principal

sintoma da atualidade, e de que modo as mudanças normativas poderiam estar corroborando para a instauração deste cenário.

Ehrenberg percebe que a depressão ganha força – enquanto patologia endêmica – no momento em que o modelo disciplinar de gestão das condutas é suplantado por esta nova normatividade, que incita à iniciativa e à liberdade individual. O autor apresenta uma visão crítica de tal quadro, postulando tratar-se de um processo de responsabilização dos indivíduos, uma vez que os ideais de iniciativa e liberdade passam a mensagem de que tudo é possível, e, portanto, que o sucesso em se conseguir o que se almeja depende apenas das próprias iniciativas e competências do indivíduo. Neste sentido, o indivíduo encontra-se hoje submerso em um excesso de estimulação e exigências de eficiência, que muitas vezes não consegue dar conta, e responsabiliza-se por isto. A depressão seria uma forma privilegiada de expressão desta dificuldade, posto que nela a problemática gira em torno de sentimentos como os de insuficiência, fracasso e baixa auto-estima.

Com isto, Ehrenberg supõe que, enquanto na Modernidade as diretrizes impostas pelo modelo disciplinar levavam ao conflito entre o permitido e o proibido, sendo a culpa indicativa de transgressão da lei, o atual processo de responsabilização do indivíduo levaria à polaridade possível/impossível, sendo o sentimento de insuficiência característico deste novo modelo. O drama da insuficiência, tão presente nos quadros depressivos, denuncia um sentimento de fracasso, já que se tudo é possível, é do indivíduo a responsabilidade por não ter alcançado algo, uma vez que, supostamente, o sucesso dependia exclusivamente dele mesmo. Porém, vale dizer, o sentimento de insuficiência parece não restringir-se apenas àquelas situações em que o próprio indivíduo se vê como fracassado, mas está sempre nos rondando. Ou seja, se tudo é possível, então não há limites: entra-se em um jogo em que nada satisfaz, pois tudo pode ser (e deve ser) aperfeiçoado e ultrapassado. Passou-se do paradigma da culpabilidade para o da insuficiência.

“... a depressão nos ensina sobre nossa experiência atual da pessoa, pois representa a patologia de uma sociedade em que a norma não está mais fundamentada sobre a culpabilidade e a disciplina, porém sobre a responsabilidade e a iniciativa. (...) O indivíduo é confrontado a uma patologia da insuficiência mais do que a uma doença da ausência, ao

universo do disfuncionamento mais do que ao da lei: o deprimido é um homem em pane.” (Ehrenberg, 1998a:6)

É justamente este ponto que gostaríamos de ressaltar. Ehrenberg demonstra que a exacerbação do individualismo, calcado nos ideais de liberdade, autonomia e iniciativa, e o esvaziamento dos referenciais até então balizadores das identidades e condutas, levam, muitas vezes, a sentimentos de impotência, vazio e de falta de sentido diante da vida. Neste sentido a depressão seria uma manifestação, no nível individual, daquilo que é socialmente condenado: ser insuficiente. Marcado pelo desânimo e pelo sentimento de incapacidade, o deprimido exprime a tirania de ideais que pregam o tudo é possível, assim como a fragilização dos suportes sociais.

Por sua vez, Lipovetsky (1983), em seu livro *A era do vazio*, postula que instalou-se uma lógica nova, surgida com o desenvolvimento das sociedades democráticas, que remodela e norteia o conjunto dos setores da vida social: o processo de personalização. O processo de personalização seria uma nova forma de controle social que levaria a um maciço investimento na esfera privada, nos interesses e projetos pessoais, e ao desinvestimento e indiferença perante o público.

Assim como Ehrenberg, Lipovetsky contrapõe esta nova lógica à lógica disciplinar, característica da Idade Moderna. Ao contrário dos valores autoritários convencionais que, segundo ele, predominaram até os anos cinquenta, imperam hoje valores hedonistas e o culto pela liberdade e pela autonomia individual, o que acaba por levar a uma desafeção dos grandes sistemas de sentido.

De acordo com Lipovetsky, vive-se hoje um novo estágio do individualismo, o qual denominou de neo-narcisismo. O neo-narcisismo seria característico do indivíduo pós-moderno, que investe cada vez mais em si e se torna indiferente a qualquer questão de ordem social que se distancie minimamente de seus próprios interesses. Diz Lipovetsky: “que outra imagem é capaz de sugerir com a mesma força o formidável surto individualista induzido pelo processo de personalização?” (1983:13). Deste modo, o neo-narcisismo nada mais é do que o perfil resultante da adaptação dos indivíduos à lógica da personalização, isto é, do processo que leva ao esvaziamento da esfera pública e ao culminar da esfera privada, marco da pós-modernidade.

Lipovetsky compara metaforicamente tal desafeção do social ao deserto. Para ele o vazio, a apatia e a indiferença tomaram conta do cenário social. Já não há grandes ideologias, valores ou instituições capazes de emocionar ou mobilizar as massas. Entretanto, o autor chama a atenção para o fato de que tal desinvestimento e desinteresse não se restringem às questões de ordem social, repercutindo na esfera individual. Argumenta que a exacerbação do narcisismo e o empobrecimento dos pontos de referência também redundam num certo desinvestimento do outro enquanto alteridade. Porém não se trata de indivíduos desconectados do social, aversos a relacionamentos e ao mundo, pelo contrário, há uma forte atração pelo relacional, porém, por relações com coletivos cada vez mais específicos e de semelhantes, o que enfraquece o encontro com a diferença, com a alteridade.

Assim como Ehrenberg, Lipovetsky também chama a atenção para o fato de que se assiste hoje a um processo de responsabilização e hiper-solicitação dos indivíduos. O excesso de informações e de opções em todos os campos da vida, a velocidade na alternância, nos significados e na evolução das coisas, a forma como os extremos opostos se superpõem, não dando margem à reflexão (Lipovetsky,1983:38). A todo o momento tem-se que optar, selecionar, escolher no que vale a pena investir e o que será varrido de campo. Trata-se da dinâmica que torna o Eu aparentemente livre, em que o indivíduo torna-se o centro e a principal referência e, portanto, é o único responsável por suas escolhas e o que quer que lhe aconteça. O indivíduo é hipersolicitado, precisa ser ele próprio, reinventar-se a todo o instante, optar, ter iniciativa e assumir solitariamente os riscos. Tal dinâmica eminentemente narcísica convoca ao desprendimento emocional, a dessubstancialização e à apatia como possibilidades de lidar com o excesso, com a multiplicidade e velocidade dos acontecimentos e das informações. Nas palavras de Lipovetsky: “daqui resulta a indiferença pós-moderna, indiferença por excesso, não por defeito, por hiper-solicitação, não por privação” (1983:38).

Para Lipovetsky, a capacidade de indignação e mobilização dos indivíduos pelo coletivo cedeu lugar à apatia e à indiferença, as quais, por sua vez, acarretam um quadro de fragilização do eu. Isto é, o eu acaba esvaziado pela ausência de trocas com o outro, que também se encontra esvaziado. As neuroses narcísicas e a depressão, tão em voga hoje em dia, seriam expressões de tal apatia e vazio

experienciados pelos indivíduos. Assim, enquanto o indivíduo encerra-se cada vez mais em si próprio e mais desinveste o campo da alteridade, mais fica fragilizado e vulnerável aos embates da vida.

“Atravessando sozinho o deserto, carregando-se a si próprio sem qualquer apoio transcendente, o homem hoje caracteriza-se pela *vulnerabilidade*. A generalização da depressividade deve ser atribuída não às vicissitudes psicológicas de cada um ou às “dificuldades” da vida actual, mas sim à deserção da *res publica*, que varreu o terreno até a emergência do indivíduo puro, Narciso em busca de si próprio, obcecado apenas por si mesmo e, por isso, susceptível de fraquejar ou de cair a todo o momento, frente a uma adversidade que encara a descoberto, sem força exterior.” (Lipovetsky,1983:45).

Assim, tal como Ehrenberg, Lipovetsky aponta para um processo de responsabilização do indivíduo, instado a corresponder às exigências sociais e hipersolicitado, em paralelo a um processo de esvaziamento dos grandes referenciais sociais. A falta de suportes simbólicos identitários e o excesso de estimulação e exigências centradas no indivíduo levariam ao colapso do próprio indivíduo, que se encontraria a mercê de si mesmo, ao mesmo tempo em que o universo da troca, da alteridade, e, portanto, do amparo, parece esvaziado de sentido.

Assim, apesar de o ideal de liberdade ser a principal diretriz desta nova normatividade social, os autores demonstram tratar-se de uma falsa liberdade, uma vez que estamos mergulhados em exigências sociais cada vez mais plurais e imperativas. Tal é a grande ironia: o indivíduo é instado a corresponder aos ideais sociais de liberdade individual que, ao mesmo tempo, o aprisionam e lhe roubam a singularidade e a liberdade.

“Aqui reside uma das mudanças decisivas de nossos modos de vida, porque esses modos de regulação não são uma escolha que cada um pode fazer de maneira privada, mas sim uma regra comum, válida para todos, sob pena de ficar-se à margem da sociedade.” (Ehrenberg,1998a:3)

O imperativo de liberdade traz em seu bojo, portanto, um processo de responsabilização e hipersolicitação dos indivíduos, que se passa num solo de desamparo social, sendo que isto não é sem conseqüências para as construções identitárias e para os modos de vida dos indivíduos. Enquanto Ehrenberg fala do

ser insuficiente, Lipovetsky fala da apatia, do desprendimento emocional e do esvaziamento do sentimento de existir.

Assim, tanto Ehrenberg quanto Lipovetsky, cada qual à sua maneira, parecem chegar a uma mesma constatação paradoxal: ao mesmo tempo em que há um enaltecimento do indivíduo e este se encerra cada vez mais em si próprio, há igualmente um empobrecimento do eu, que aparece cada vez mais esvaziado e mesmo insuficiente.

“O neo-narcisismo não se contentou em neutralizar o universo social, esvaziando as instituições dos seus investimentos emocionais; também o Eu, desta feita, se vê corroído, esvaziado da sua identidade, o que, paradoxalmente sucede em virtude do seu hiper-investimento.”
(Lipovetsky,1983:53)

Neste sentido, a sociedade contemporânea centrada nos ideais hedonistas e permissivos, onde há um desinvestimento do social e um maciço investimento na esfera privada, teria por corolário a construção de indivíduos fragilizados e sem contorno, esvaziados.

Em *O mal-estar da pós-modernidade*, o sociólogo Bauman (1998) discorre sobre os prós e os contras do liberalismo pós-moderno. Tal como Ehrenberg e Lipovetsky, Bauman também demonstra seu caráter paradoxal, uma vez que, por se tratar de um imperativo, a própria noção de liberdade é contradita. Como o próprio título do livro sugere, Bauman faz alusão ao texto freudiano *O mal-estar na civilização* (1930), acreditando ser este um texto historicamente datado, sendo relativo, mais estritamente, ao período da Modernidade. Em tal texto, Freud supõe que a civilização se constitui às custas de certa dose de renúncia pulsional, o que, em contrapartida, traria aos indivíduos maior segurança e proteção. Haveria, assim, uma relação de perdas e ganhos para os sujeitos, ao se trocar uma parcela de satisfação por uma de segurança. Neste sentido, como enfatiza Bauman, apesar de aumentar a sensação de segurança, a maior fonte de sofrimento da modernidade seria, justamente, a renúncia e a submissão aos ditames sociais que, tão claramente, ofereciam parâmetros para a vida moderna, cerceando os indivíduos. Bauman constata, porém, que já não estamos no tempo da regulamentação social, ou melhor, que o imperativo de hoje é o da liberdade

individual, e, deste modo, o mal-estar que nos atravessa seria outro, a saber, um sentimento permanente de insegurança, de incerteza. Afirma:

“...os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.” (Bauman,1998:10)

Para Bauman, a ascensão do indivíduo livre e soberano é correlata da incerteza, que, por sua vez, origina o mal-estar da pós-modernidade. A incerteza de que o autor fala não pode ser abrandada por uma ação, uma vez que não há, na pós-modernidade, ação passível de ser definitivamente acertada. Diante da enorme gama de opções, as escolhas sempre deixarão margem à dúvidas e à incerteza de se ter optado pelo melhor caminho. Além disto, de acordo com a lógica do mercado consumidor, as próprias opções parecem ser datadas e fadadas a serem substituídas por opções ainda melhores (mais atraentes). O mundo hoje é maleável e imprevisível: com a mesma rapidez com que se saúda o novo, sua despedida se prenuncia. Esta fugacidade se reproduz nas relações interpessoais, que obedecem à mesma lógica dominante do consumismo. A perpétua busca de novas atrações e a dificuldade em se prender a um só objeto – pois logo que este já não atrai é rapidamente substituído –, torna as relações mais fluidas e frágeis, e, assim, regidas mais por uma decisão unilateral do que por um acordo com direitos e deveres.

É interessante a metáfora que Bauman utiliza para descrever a experiência de incerteza dos indivíduos nos dias de hoje, que se encontram sob o imperativo da liberdade, fala de turistas e vagabundos. Turistas como metáfora do indivíduo que não se prende a nada, um ser desenraizado, distante, mutante; e vagabundos como a do indivíduo errante, que vê o mundo como inóspito e se move não por vontade, mas por necessidade.

De um lado tem-se aqueles que se aventuram e se arriscam atrás de novas descobertas, que se movimentam por acharem o mundo atrativo, que não se comprometem com o futuro, mas que têm a recompensa de controlar o presente situacional: “escolher onde e com que partes do mundo ‘interfacear’, e quando

desligar a conexão” (1998:115). Assim, os turistas passeiam pelo mundo ao mesmo tempo em que guardam dele certa distância, pois nada é duradouro e o lugar, sempre um lugar de passagem. Porém, diz Bauman, as incertezas também permeiam as experiências dos turistas, que vivem de suas escolhas e pelas escolhas, uma vez que o desenraizamento e a falta de um projeto final são próprios da vida turística. O turista está, por assim dizer, em movimento pelo movimento, e não pela chegada; o presente pode parecer seguro ou sob controle, mas o futuro é sempre incerto. Por outro lado, os vagabundos movem-se porque em nenhum lugar são bem quistos, porque o mundo para eles é inóspito, e porque não têm escolha. O movimento que para os turistas simboliza a liberdade e a autonomia, para os vagabundos é uma imposição, tudo menos liberdade: “Para eles, estar livre significa *não ter de* viajar de um lado para o outro. Ter um lar e ser permitido ficar dentro dele” (1998:117).

Com isto, Bauman sugere que uma das principais características dos indivíduos na sociedade pós-moderna é o estar em movimento. O movimento indica que ninguém pode assegurar-se de sua posição e lugar, de que tudo pode mudar a qualquer instante e que, principalmente, o mundo é hoje eminentemente incerto.

Por fim, Bauman coloca que a “oposição entre os turistas e os vagabundos é a maior e principal divisão pós-moderna” (1998:118). Apesar de tanto os turistas quanto os vagabundos serem guiados pelo mesmo imperativo do movimento, há uma dilacerante diferença entre eles, sendo que o que serve de medida para estes opostos é o grau de liberdade de escolha que se atinge. Para ele, a liberdade de escolha não é a mesma para todos, embora o imperativo de tal liberdade o seja, sendo a liberdade de escolha indicativa de *status* e posição social. Disto pode-se inferir que não se trata apenas de uma escolha individual o fato de enquadrarmo-nos na metáfora de turistas ou na de vagabundos, mas que existem condições extrínsecas à nossa própria vontade, situacionais, que influenciam, ou mesmo determinam, de que lado se está.

“Na sociedade pós-moderna e de consumo, escolher é o *destino* de todos, mas os limites de *escolhas realistas* diferem e também diferem os estoques de *recursos* necessários para fazê-las. É a *responsabilidade* individual pela escolha que é igualmente distribuída, não os *meios* individualmente possuídos para agir de acordo com essa responsabilidade. (...) O dever da liberdade sem os recursos que

permitem uma escolha verdadeiramente livre é, para muitos, uma receita para a vida sem dignidade, preenchida, em vez disso, com humilhação e auto-depreciação.” (Bauman,1998:243)

Bauman (1998) conclui, como não poderia deixar de ser, que a liberdade tem seus prós e contras, e que não se trata de nostalgia, ou desejo de retorno, pela certeza Moderna, pois esta fôra transposta justamente por mostrar-se falha. Como indicado no fragmento acima, Bauman parece acreditar que se trata mais da necessidade de um solo ambiental adequado para que a liberdade individual, de fato, possa tornar-se uma possibilidade, uma vez que apenas os esforços individuais não dão conta de torná-la legítima. Deste modo, Bauman parece chamar a atenção para a importância do meio para a experiência de ser e modo de vida dos indivíduos. Demonstra que a experiência é fortemente atravessada pelo contexto no qual o indivíduo está inserido, e que é essencial que o campo sócio-cultural possa fornecer um apoio que viabilize suas demandas.

Lipovetsky (1983) e Ehrenberg (1998) parecem compartilhar desta mesma idéia. Tal como Bauman (1998), observam que o mal-estar que perpassa grande parte dos indivíduos hoje é consequência de demandas, muitas das vezes, sentidas como excessivas pelos indivíduos. Alertam, e é este o ponto que gostaríamos de ressaltar, que os indivíduos parecem sentir-se desamparados frente às exigências sociais, que o meio já não oferece um suficiente suporte, e que isto repercute na experiência dos indivíduos no campo social.

A metáfora dos vagabundos utilizada por Bauman parece assemelhar-se, por exemplo, à descrição de Lipovetsky sobre a apatia. Em ambos os casos, os indivíduos parecem mover-se não por interesse ou engajamento, mas por serem impelidos a tal. Não haveria um real investimento ou engajamento na vida, ao contrário, há, em ambos, um desinvestimento afetivo, a falta de uma ancoragem, de algo que remeta à vontade, à espontaneidade, à criatividade do sujeito. Ehrenberg, por sua vez, aponta que a depressão caracteriza-se, hoje, mais por um vazio, pela fragilização do sentimento de ser, do que pela angústia e conflito neuróticos, aproximando-a mais da categoria psicanalítica de “estados-limites” que da de neurose.

Deste modo, vagabundos, apáticos ou deprimidos, seriam personagens que habitam o cenário contemporâneo. Ou seja, independente da nomenclatura

utilizada, Ehrenberg, Lipovetsky e Bauman parecem chegar à mesma sentença: o contexto sócio-cultural tem favorecido uma experiência de mal-estar particular, intimamente relacionada ao período histórico que vivemos.

4.2.

O cenário contemporâneo como potencializador do embotamento criativo: considerações sobre a clínica atual.

Da mesma forma que autores das ciências sociais teorizam sobre as transformações pelas quais vem passando a sociedade contemporânea e suas implicações para os indivíduos, muitos psicanalistas também têm se preocupado em pensar de que modo estas transformações se refletem na clínica atual e repercutem no arcabouço teórico de que fazem uso. Há, entretanto, grande discordância: uns parecem adotar uma visão mais estruturalista e acreditar que as modificações nos sintomas são apenas novas roupagens para a mesma configuração psíquica de que nos falava Freud; outros parecem acreditar que os sintomas vêm mudando porque a própria constituição subjetiva tem se ancorado em alicerces diferentes e, portanto, se trataria de novas formas de subjetivação, o que demandaria outras perspectivas teóricas⁶. Seja qual for a leitura, porém, parece haver um consenso no que tange à constatação da modificação nos sintomas, como nos diz Roudinesco (1999), e é justo isto o que gostaríamos de enfatizar.

“Quanto aos pacientes da década de 1990, eles não se parecem com os de antigamente. De maneira geral, são conforme a imagem da sociedade depressiva em que vivem. Impregnados de niilismo contemporâneo, apresentam distúrbios narcísicos ou depressivos e sofrem de solidão e de sintomas de perda de identidade” (Roudinesco, 1999:160)

Assim, ao falarmos em clínica contemporânea, estamos chamando a atenção para o fato de que os sintomas que nos chegam não parecem nos dizer apenas sobre a história de vida singular daquele sujeito, mas também sobre um complexo sistema sócio-cultural que o circula e no qual ele se constitui. Dito de

⁶ Certamente estamos fazendo uma leitura simplista de tal discussão. O assunto é bem mais amplo e importante do que uma mera divergência teórica. Pode abranger, por exemplo, a própria rediscussão dos paradigmas da clínica psicanalítica, ou mesmo dos limites de tal clínica. Não pretendemos, neste trabalho, entrar no mérito desta questão.

outra forma, se levamos em conta que houve um aumento considerável nos casos de depressão e de distúrbios narcísicos (*cf.*Roudinesco,1999; Garcia, 2005; Ehrenberg,1998), não podemos deixar de pensar quais os fatores históricos que estão aí relacionados, ao invés de entendermos tal fenômeno como obra do acaso. Deixemos claro, porém, que não estamos dizendo tratar-se de sintomas novos ou configurações psíquicas inéditas, mas enfatizando que o considerável aumento de determinadas sintomatologias parece nos dizer algo sobre o contexto sócio-cultural em que vivemos.

Garcia (2005) endossa esta tese, observando que as categorias conceituais de sentimento de culpa, conflito e recalque são correlatas de uma dinâmica psíquica relativa a um cenário social determinado, em que predominavam a renúncia, o sacrifício e a culpa. Ao contrário, apoiada em Ehrenberg e Lipovetsky, Garcia observa que no cenário social atual são o vazio, a indiferença, o sentimento de insuficiência e a exigência de autonomia que predominam e perpassam a experiência subjetiva, sendo necessário, portanto, que sejam reavaliadas as categorias teóricas que melhor ajudam na escuta clínica hoje.

Neste trabalho, a hipótese que estamos perseguindo é que o aumento de determinada sintomatologia nos dias atuais, como o vazio depressivo e a exacerbação narcísica, apontaria para certa dificuldade em se utilizar o potencial criativo. Acreditamos que o hiper-investimento no indivíduo, a crescente demanda de responsabilidade, o frágil suporte ambiental, a atmosfera de incertezas e o desinvestimento do outro enquanto alteridade favorecem a experiência subjetiva de desamparo e a aparição de sintomas que, independentemente da classificação nosológica a que pertençam, parecem convergir para o mesmo quadro de embotamento criativo. Em outras palavras, considerando que a experiência subjetiva hoje seja permeada pelo desamparo, acreditamos que isto poderia acabar acarretando prejuízos ao viver criativo.

Garcia e Coutinho (2004) também consideram o desamparo como a experiência princeps dos sujeitos hoje. Para elas, as novas configurações do individualismo, com a responsabilização do indivíduo e as exigências de busca irrestrita de prazer, levam a uma experiência individual de errância, no sentido de se estar à mercê, sem pontos sólidos de referência que dêem contorno ou suporte ao psiquismo.

“Incitado a assumir total responsabilidade por sua vida, na falta de suportes tradicionais religiosos, institucionais ou mesmo familiares, e confrontado com a exigência de rendimento e do sucesso, o indivíduo entra em colapso. A conseqüência subjetiva deste estado de coisas se apresenta sob a forma do desamparo.” (Garcia e Coutinho, 2004:10)

Em Freud (1926), desamparo refere-se a um aumento de tensão pulsional sentido como angústia, seja pela falta de suporte de um outro que barre o excesso pulsional, seja pelo desamparo próprio à situação de dependência e submissão a um outro. Assim, apoiadas em Freud, Garcia e Coutinho supõem que há hoje uma exacerbação da experiência de desamparo, uma vez que os referenciais simbólicos identitários encontram-se esvaziados e o sujeito submisso às imposições sociais de autonomia e prazer. Neste sentido, constata-se: desamparado, o sujeito contemporâneo mostra-se especialmente vulnerável a situações das quais não consegue dar conta, traumáticas.

Note-se que a teoria freudiana sobre o desamparo se aproxima da concepção winnicottiana relativa à falha ambiental e a vivência subjetiva que esta acarreta. Parece-nos que tanto em Freud quanto em Winnicott sentir-se desamparado resulta da falta de suporte de um outro, o que acarreta em angústia. Entretanto, Freud parece considerar a experiência do desamparo como inevitável e constituinte, já para Winnicott esta seria uma experiência potencialmente patológica e de exceção. Além disso, nos parece que enquanto Freud enfatiza o aspecto econômico (pulsional), Winnicott melhor contribui para se compreender o caráter relacional de tal estado. Deste modo, resguardando as devidas e importantes diferenças conceituais, nos parece que uma situação de privação ambiental, tal como descrita por Winnicott, poderia lançar o sujeito em uma experiência de desamparo. Dito de outro modo, um meio negligente ou que se apresente demasiado invasivo e ameaçador, poderia levar o sujeito à angústias e ao comprometimento da economia psíquica – o que se assemelha ao postulado freudiano sobre a situação traumática de desamparo.

Dando continuidade ao tema, Garcia (2005) tece interessantes considerações a respeito dessa maior vulnerabilidade dos sujeitos ao trauma. Ela parte de duas constatações, de ordem social e clínica, que se articulam no plano da experiência individual. Observa que, em paralelo ao atual predomínio da situação traumática de desamparo, está em curso na sociedade contemporânea o

processo de indiferença pura (*cf.* Lipovetsky,1983), processo este relativo à atual tendência que leva à deserção dos valores e sustentáculos sociais e ao hiper investimento no indivíduo. Se utilizando de um referencial freudiano e greeniano, Garcia postula que a indiferença pura se expressa subjetivamente pelo desinvestimento objetal e pela inflação narcísica, próprios da função desobjetalizante como postulada por Green. Ou seja, partindo do pressuposto de que é cada vez mais difícil para os sujeitos fazerem frente às exigências da sociedade contemporânea, a autora acredita que tal situação poderia estar levando a um maciço investimento narcísico e ao desinvestimento objetal como formas defensivas do sujeito se proteger do desprazer gerado pelo aumento de tensão psíquica. Porém, tal manobra defensiva seria fadada ao fracasso, uma vez que ao invés de proteger o sujeito de novas situações traumáticas, ao contrário, intensificaria o desamparo e a fragilidade frente a tais situações. Em suma, para Garcia, o desinvestimento objetal e a retração narcísica, embora sendo reações defensivas, tornariam os sujeitos ainda mais susceptíveis às situações traumáticas.

Partindo deste pressuposto, de que a atual fragilidade dos suportes simbólicos e o hiper-investimento no indivíduo têm potencializado a experiência de desamparo e ampliado a vulnerabilidade dos sujeitos aos embates da vida, é fácil pensar que não resta muito espaço para a criatividade nos dias de hoje – posto que a experiência criativa necessita de um solo mínimo de relaxamento, confiança e amparo ambiental. Daí as vivências tão em voga hoje em dia de apatia, falta de um verdadeiro engajamento na vida e dos sentimentos que giram em torno do vazio existencial, uma vez que nos parece que a experiência do desamparo leva ao embotamento criativo.

Maciel (2003) parece ir nesta mesma direção, ou melhor, também parece acreditar haver hoje certa dificuldade na utilização do potencial criativo. A autora contrapõe o sujeito criativo de Winnicott ao depressivo de que nos falam os cientistas sociais. Para ela, o traço depressivo da sociedade contemporânea fala-nos desta dificuldade de se ser criativo, o que tem por corolário a desvalorização da vida e o enfraquecimento do sentimento de que esta vale a pena.

A partir de uma análise sobre a sintomatologia da depressão atual, Maciel observa que a depressão de hoje se aproxima mais de um quadro de “‘padecimento’ de criatividade”, que de um estado melancólico. Para ela, o primeiro caso diz mais de uma dificuldade em se criar sentidos para a vida, posto

que é a criatividade que permite tal investimento e valorização da vida; já o segundo giraria em torno da problemática do luto, ou melhor, neste caso a depressão se derivaria do malogro do trabalho de luto pelo objeto perdido (2003:17). Dito de outro modo, Maciel postula que a depressão contemporânea nos fala mais de um vazio de sentido, e de certa paralisia do trabalho psíquico, que de questões acerca do sentimento de culpa ou da perda do objeto, que lavariam mais ao recalque e ao conflito psíquico. Deste modo, para a autora, a teoria winnicottiana de criatividade parece melhor ajudar no entendimento da dita depressão atual do que a teoria freudiana sobre a depressão melancólica.

Considerando a depressão de hoje como expressão de um enfraquecimento no âmbito da experiência criativa, o que Maciel levanta como suposição é que o atual esvaziamento dos valores sociais poderia equivaler a uma ausência de contenção, descrita por Winnicott como necessária a tal experiência. Para ela, os valores do “tudo é possível”, de liberdade irrestrita e de hedonismo, não ofereceriam contorno a este potencial criativo que necessita de barreiras⁷. Maciel aponta que isto poderia ajudar a elucidar de que forma a fragilização dos suportes sociais estaria potencializando uma situação de quietude, ao contrário do esperado e, hoje, tão cobrado movimento criativo. Ou seja, se os referenciais simbólicos identitários, como vimos, encontram-se esvaziados ou pulverizados – podendo ser, assim, entendidos como não oferecendo contenção através de valores sociais – então a experiência criativa também seria dificultada, uma vez que depende de certa resistência para ganhar vida.

“Esta tese finalmente é aqui delineada de forma clara, através de uma indagação: não poderíamos entender que a depressão contemporânea estaria ligada a uma pluralidade de sentidos, devido à ampliação de possibilidades de vida, identidades plurais, possibilidades existenciais; sem que nenhuma contenção – que não é interdição, mas limite que proporciona trocas, que dá forma – seja apresentada, como se fosse possível criar de maneira isolada?” (Maciel,2003:123)

⁷ Embora o ideal de liberdade possa ser entendido como uma nova normatividade social, caracteriza-se, fundamentalmente, pela valorização do hedonismo e da permissividade. Neste sentido, pode se interpretar como havendo hoje uma falta de contenção por parte dos valores sociais que pregam que tudo é possível e, portanto, que dão a impressão de que há uma ausência de limites, de contenção.

Para Maciel, o embotamento criativo se faria presente nos tipos clínicos que ora Winnicott chama de falso self, ora de depressivos e ora dos que sofrem de quietude: “trata-se daqueles sujeitos que se sentem vazios, que não sentem que são si mesmos, mas que, socialmente, funcionam bem, apenas com um mais ou menos leve sintoma depressivo” (2003:108). Assim, a dita depressão contemporânea expressaria a dificuldade da utilização do potencial criativo, o qual permite valorizar a vida e dotá-la de sentido. Daí o porquê dela se relacionar mais à apatia, à falta de sentido na vida e a sentimentos como os de inutilidade e insuficiência. Deste modo, Maciel aproxima a depressão atual dos sintomas característicos de uma defesa do tipo falso self.

Souza (2002) também nos ajuda a pensar sobre a exacerbação de quadros que envolvem o embotamento criativo nos dias de hoje, ao analisar um outro fenômeno bastante difundido atualmente: o uso de drogas. Para o autor, o uso de drogas, em muitos dos casos atuais, fala de uma busca pela experiência criativa, sendo que, ao desempenhar a função de envelope psíquico para as angústias primitivas, possibilita ao sujeito as experiências de confiança e de “solidão sem demanda” (2002:98), necessárias à expressão criativa do verdadeiro self⁸.

“...em continuidade com o seu papel de envelope psíquico para as angústias primitivas de aniquilação, intrusão ou separação, o uso de drogas torna possível a experiência de solidão que serve de base a partir da qual o verdadeiro *self* pode encontrar seu modo de expressão. Quando o falso *self* tende a isolar o verdadeiro *self*, ameaçando conceder-lhe uma existência apenas trivial, o uso de drogas, ao diminuir as angústias mais precoces, assegura um espaço vital para o modo de experiência do verdadeiro *self*.” (Souza,2002:99-100)

Assim, Souza demonstra que as drogas podem estar sendo usadas de modo a criar as condições necessárias que possibilitam a expressão do verdadeiro self, do gesto criativo, expressão esta que a vivência baseada em um falso self

⁸ O termo solidão sem demanda refere-se, na teoria winnicottiana, ao paradoxo contido na experiência inicial do bebê em sentir-se só na presença de alguém, ou melhor, de experimentar a solidão embora estando na absoluta dependência dos cuidados de um outro. Tal experiência é imprescindível ao sujeito, pois serve como alicerce à experiência criativa, em contrapartida, se o ambiente falhar em propiciá-la ao sujeito, isto levará às angústias primitivas de aniquilação, intrusão ou separação (Souza,2002:98), acarretando em prejuízos à expressão da criatividade.

impede ou dificulta. Para ele, o uso de drogas fala mais da insuficiência do objeto materno enquanto solo para a subjetivação, que da incompletude do objeto: “na análise de pessoas que o uso de drogas entra em questão, seu valor de suplência às carências do meio ambiente se sobrepõe à sua relação com a falta estrutural do Outro.” (2002:95), ressaltando que o uso de drogas pode estar desempenhando uma função psíquica necessária ao sujeito. Diante disso, considera que o manejo mais indicado à clínica de tais pacientes é aquele que leva em conta a mensagem de esperança contida em tal quadro, a qual alude à necessidade de um solo de confiança e de apoio como base para a expressão criativa do verdadeiro self.

Através da análise de Souza sobre o uso de drogas, e considerando que houve um aumento considerável nestes casos na contemporaneidade, podemos pensar que há hoje uma maior dificuldade no estabelecimento de um solo adequado à experiência criativa, sendo a drogadição uma forma de se buscar as condições necessárias a tal experiência. Neste sentido, tratam-se, fundamentalmente, de quadros em que o uso de drogas evidencia a busca pela experiência criativa e, portanto, de quadros em que há, na base, um embotamento criativo e o predomínio do falso self protetor. Ou seja, podemos pensar no uso de drogas como o que possibilita justamente que o falso self dê lugar à expressão do verdadeiro self, e, portanto, que sem o artifício das drogas, ou sem o auxílio de uma situação especializada, é o falso self que assume o comando.

Note-se que tanto Maciel como Souza apontam, cada qual analisando um fenômeno particular exacerbado na contemporaneidade- a depressão e a drogadição –, para a acentuação de uma vivência centrada no falso self. Isto vai de encontro ao que estamos aqui querendo enfatizar, a saber, que parece haver, nos dias de hoje, certa dificuldade em se utilizar o potencial criativo, e, por conseguinte, em se estabelecer um laço verdadeiro e enriquecedor com o mundo. Mello Filho (2003) também aposta na exacerbção da defesa falso self em nossa sociedade, demonstrando que, muitas das vezes, procuramos nos adaptar às exigências da atualidade através de mecanismos tipicamente falso-selves:

“O *stress* da vida atual, a massificação, a coisificação, a ciranda financeira, a competição exacerbada, nos levam para uma vida impessoal e autocentrada, na qual as relações humanas se enfraquecem e se deterioram. Neste tipo de vida, as estratégias falso-*selves* ajudam a iludir os outros, a vencê-los em nossas competições e a nos enganarmos por

pensarmos que podemos estar mais bem situados na vida em geral.”
(Mello Filho,2003:30)

Para Mello Filho, a dinâmica eminentemente narcísica do mundo atual, em que “cada um só pensa em si próprio e esquece os interesses do outro” (2003:22), corrobora para a utilização de mecanismos adaptativos e, por conseguinte, para um déficit na capacidade criativa e espontânea do ser. O autor aproxima, assim, narcisismo e falso self, sendo que em ambos as relações objetais são pobres e basicamente auto-centradas. Porém Mello Filho ressalta que este “auto-centramento” fala mais de reações à falhas ocorridas nas relações iniciais com o meio, que de uma relação de “autonomia” em relação ao mundo. Desta forma, Mello Filho alude ao caráter defensivo do narcisismo de que está tratando, sendo este não o narcisismo primário, constituinte, mas um narcisismo que se desenvolve a partir de falhas ocorridas nas relações iniciais, assim como o falso self.

Esta relação entre o narcisismo e o falso self fica mais clara com a análise que Mello Filho faz sobre o mito de Narciso. O autor acredita que “a tragédia que o mito de Narciso descreve não diz respeito *apenas* à incapacidade de amar, ou o amor voltado para si mesmo e que exclui o *outro*”, mas também “fala da *impossibilidade de alguns sujeitos para terem uma vida própria, na medida em que submergem no desejo ou nas dificuldades de quem cuidou deles nos momentos iniciais*” (2003:107). Isto porque, em sua análise, a mãe de Narciso, por temer que a beleza dele pudesse ofender os deuses, ignora e interdita nele o que ele tem de mais particular: a beleza. Narciso, por sua vez, submetendo-se a tal temor materno, fica cego para sua própria beleza, desconhecendo o que há de mais singular em si próprio. A partir disto, Mello Filho indaga-se se este não teria sido o início de uma constituição baseada em um falso self, em que o verdadeiro self, a beleza, estaria sendo defensivamente ocultada, por não ter encontrado no olhar materno o reflexo necessário. Com isto, ele chama a atenção para a importância do meio para a legitimação do sujeito, ou seja, para a importância do meio em perceber e reconhecer suas particularidades, o que possibilita ao sujeito experienciar-se como um ser singular, autêntico.

Em suma, Mello Filho equipara o narcisismo defensivo ao falso self, enquanto estruturas forjadas a partir de um déficit ambiental que faz o sujeito

investir num si mesmo irreal e retirar, defensivamente, o investimento afetivo do mundo. Em outras palavras, tanto o narcisismo defensivo quanto a exacerbação do mecanismo falso self falam da necessidade do olhar do outro, do investimento materno, para a constituição do ser e da impossibilidade deste em construir um olhar sobre si mesmo, uma identidade e um verdadeiro investimento no mundo, sem o suporte ambiental adequado. Como Mello Filho bem resume:

“...para o estabelecimento e desenvolvimento da capacidade de se ver, de ver o outro, de ter consideração e mais tarde de amar, é *imprescindível que o sujeito tenha sido olhado, amado, percebido e aceito em sua singularidade*” (Mello Filho, 2003:109)

Assim, Mello Filho chama a atenção, justamente, para a impossibilidade de se ter uma identidade que não seja fundamentada no olhar e no amparo de um outro. Com isto, podemos entender o porquê da dessubstancialização, vazio, apatia, falta de engajamento na vida, enfim, do crescente embotamento criativo nos dias atuais, já que, como Mello Filho bem evidencia, não é possível ao sujeito ser si mesmo, verdadeiro, criativo, espontâneo, se a experiência princeps é a de desamparo, e, portanto, da falta de um olhar primeiro.

As contribuições que acabamos de apresentar nos permitem, finalmente, chegar as seguintes indagações: não seria a sociedade narcísica um reflexo da falta de suportes, típica de um ambiente cada vez mais desvitalizado e esvaziado de sentido? Não seria o narcisismo contemporâneo uma forma defensiva de procurar em si mesmo um amparo que já não parece possível no plano do social? E por último, os sentimentos de vazio, fracasso, inutilidade e futilidade, não seriam expressões de uma maciça defesa do tipo falso self? Estas são questões que merecem maior reflexão, porém gostaríamos de lançá-las a título de discussão. O que nos parece evidente e consensual, é que cada vez mais tanto psicanalistas como cientistas sociais têm apontado para um quadro crescente de embotamento criativo: os primeiros ao falarem dos sentimentos de vazio, indiferença, apatia, insuficiência e fracasso, e os segundos ao constatarem o aumento no número de casos que, independentemente da classificação nosológica a que pertençam, parecem caracterizar-se pela retração narcísica, pelo embotamento criativo e pelo conseqüente predomínio da defesa falso self. Estas são questões que a clínica contemporânea nos apresenta de forma cada vez mais pungente.